

## Entre cavalos, colheitadeiras e abadás: a cavalgada como celebração da colonização agrícola da Amazônia

*Sandro Adalberto Colferai<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal do Amazonas*

### Resumo

O artigo realiza a etnografia da cavalgada da Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Vilhena, Expovil, ao mesmo tempo em que contextualiza o evento no cenário maior, do que pode ser considerado um circuito de eventos em Rondônia. A opção pela cavalgada se dá pela representatividade deste evento festivo, tomado como um momento de celebração de um modo de vida característico do interior de Rondônia. A apreensão do evento, em princípio contraditório em diferentes aspectos, desde os símbolos e imaginários que coloca em circulação em uma sociedade em particular, é revelador das relações ali estabelecidas.

**Palavras-chave:** imaginário; simbolismos; colonização agrícola; Rondônia; cavalgadas.

### Abstract

This article analyzes the ethnography of the Agricultural Exhibition Equestrian, Commercial and Industrial Vilhena, Expovil, while that contextualizes the event in the bigger picture of what may be considered a circuit events in Rondônia. The choice of representation is by riding this festive event, taken as a time of celebration of a way of life characteristic of the interior of Rondônia. The seizure of the event in principle contradictory in different aspects, from the symbols and imaginary places in circulation in a particular society, reveals the relationships that were established.

**Keywords:** imagery, symbolism, agricultural colonization; Rondônia; horseback riding.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM); mestre em Comunicação Social (PUCRS); professor-assistente, Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal de Rondônia-UNIR, campus de Vilhena; membro dos grupos de pesquisa Interfaces (UFAM/CNPq) e Mapa Cultural de Rondônia (UNIR/CNPq).

## Introdução

As práticas sociais remetem a mais do que os eventos e textos que são colocados à percepção direta. É assim que na abordagem de grupos sociais e suas manifestações é preciso pensar as vozes da cultura, que se interpenetram pela formação de instituições, de grupos sociais, de espaços físicos, e pelas relações que sedimentam. E nessa trilha centrar o olhar nos distanciamentos e proximidades que, no cotidiano, por vezes fazem surgir sociabilidades contraditórias, mas que no seu interior mantêm uma coerência.

O que temos em mente são relações sociais possíveis de serem observadas em momentos bastante marcados que, ao mesmo tempo em que são apartados do cotidiano, são reveladores das relações entre os membros de uma sociedade. Nos interessam as relações em uma sociedade urbana constituída predominantemente por imigrantes recentes no interior do estado de Rondônia, na borda sul-ocidental da Amazônia brasileira. Precisamente uma manifestação festiva em particular: a feira agropecuária, em especial a cavalgada, um dos eventos que a precede.

Alcançar este objetivo implica em descobrir as formas de ação e a organização social entre os grupos que compõem o mosaico urbano. A opção por centrar atenção na cavalgada se dá pelo fato do evento estar claramente ligado ao meio rural, mas tomar a

cidade como um evento essencialmente urbano.

Nesta abordagem tomamos a cidade como grupamento compacto, relativamente permanente e com grande concentração de grupos heterogêneos. O urbano como organismo dinâmico, que se reelabora constantemente, com os grupos que a compõem modificando-se e alterando também as razões para a manutenção do ambiente urbano (WIRTH 1967:105). É esse dinamismo que procuramos apreender ao nos concentrarmos num evento que consideramos significativo das relações levadas a efeito no estado de Rondônia. Um dinamismo que não deixa de lado o imaginário social sobre uma cidade em particular, mas, ao contrário, pode mesmo reforçá-lo.

## Rondônia: a representação rural no urbano

Pensar ambientes urbanos implica, necessariamente, alcançar as intersecções entre as práticas sociais e o simbólico. O social é indissociável do simbólico, mesmo que não se esgote nele, e para que os símbolos sejam aceitos é necessário que haja a sanção das partes que compõem a sociedade. Isso somente gradualmente acontece, e se efetiva na institucionalização simbólica. Mesmo que haja uma aparente independência, a partir da sedimentação simbólica, as práticas sociais não são apenas funcionais. Não há simbolismo “neutro” ou

mesmo “adequado” ao funcionamento de processos reais.

Para Douglas (1998), o que há são universos de ideias fundamentalmente entrelaçados, que não podem ser apreendidos nem através de explicações funcionais, e nem a partir de explicações racionais da ação coletiva. Isso se deve ao paradoxo que é a ação individual, guiada pelos interesses do sujeito, frente às necessidades – muitas vezes de sacrifícios – em benefício do grupo. A questão que se coloca, então, é pela busca da emergência da própria ordem social.

Em Rondônia a população é formada basicamente por imigrantes recentes, que convergiram principalmente das regiões Sul e Sudeste a partir do início da década de 1970 até princípio dos anos 1990, e ocupam predominantemente o centro-sul do estado. Quando esta fase de imigração teve início, uma população anterior já estava estabelecida. As primeiras vilas às margens dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé surgiram no século XVIII, com a descoberta de ouro, e desde então diversos ciclos de ocupação se sucederam.

Nos ciclos da borracha, a partir das últimas décadas do século XIX até a década de 1940, nordestinos passaram a ocupar a calha dos principais rios da área que viria a ser Rondônia, e a estrutura da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – construída para tornar possível o transporte da borracha pelo trecho encachoeirado dos rios que lhes dão

nome – foi fundamental na implantação do território federal do Guaporé. No final da primeira metade do século XX Rondônia tinha população concentrada no norte do território, formada basicamente por seringueiros e ribeirinhos de origem nordestina e já mesclados com as populações indígenas.

É a partir dos últimos anos da década de 1960 que novo ciclo imigratório se inicia, desta vez como parte do planejamento do Estado brasileiro para ocupar o que considerava espaços vazios no norte do país e, ao mesmo tempo, dar solução a problemas agrários no centro-sul. Imigrantes sulistas começaram a chegar à Rondônia para tomar parte dos projetos de colonização. Ponto fundamental de contraste é a relação que ribeirinhos e seringueiros, por um lado, e os colonos imigrantes por outro, tem com a natureza em Rondônia. Enquanto os primeiros são extratores e ocupam as margens dos rios, os outros são agricultores e ocupam a região desde as estradas. A partir desta materialidade as representações culturais que um e outro desses grandes grupos colocam em circulação se apresentam como antagônicas.

Atualmente é possível identificar no estado de Rondônia duas áreas culturais distintas, constituídas do encontro dos dois grandes complexos culturais postos em contato desde a década de 1970. Nas calhas dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, e

vários dos seus afluentes – a norte e oeste – predominam as representações ligadas à população ribeirinha, enquanto nas porções central e sul predominam aquelas da colonização agrícola.

Os dois principais movimentos de ocupação de Rondônia foram destinados à ocupação do que se consideravam espaços vazios. O primeiro, protagonizado por nordestinos, ignorou a presença do índio; o segundo, tendo à frente agricultores do centro-sul do país, deixou de considerar tanto o índio como o nordestino convertido em população tradicional. E Rondônia surge como um estado centrado no rural seja ele para a coleta ou para a transformação do espaço natural em lavouras e pastagens.

Os objetivos iniciais, levados a efeito pelo governo federal, são com o tempo subvertido pelas condições. Dos poucos mais de 1,5 milhão de habitantes 73,5% vivem nas zonas urbanas. Na cidade de Vilhena, onde acontece a cavalgada que é nosso ponto de atenção, a disparidade entre a população urbana e rural é ainda maior. Dos 77 mil moradores do município, 94,8% estão na cidade (CENSO..., 011). O que chama atenção, então, é a disparidade que surge entre as representações que são legitimadas nas festas agropecuárias, estas os principais eventos anuais em Rondônia, em contraste com as práticas cotidianas da população.

Mesmo com a população se concentrando principalmente nas zonas

urbanas, é no meio rural que se encontram as principais atividades econômicas. O destaque é da pecuária, atividade que, com 11 milhões de cabeças de gado, é tomada pelo governo estadual como a principal fonte de renda de Rondônia. Outro destaque é a produção de grãos, principalmente arroz, milho e soja, que em 2007 tiveram área plantada superior a 285 mil hectares, com produção estimada de 654 mil toneladas. No conjunto os três principais grãos cultivados em Rondônia representaram em 2007 rendas de R\$ 245 milhões (COLFERAI, 2009, p. 75).

É neste contexto que podemos observar as manifestações mantidas em Rondônia, sejam aquelas das populações tradicionais ou dos grupos sociais surgidos desde a colonização agrícola. As manifestações, ali, tomam forma a partir das instituições de maneira a apresentar coerência nas suas relações com as ações. Não se trata, claro, da institucionalização de ações sociais a partir de um simbolismo arbitrário, mas da constituição do simbólico a partir do natural e do histórico.

### **Da parte ao todo, e além...**

O que nos propomos aqui é à etnografia de uma manifestação em particular, como forma de alcançar os mecanismos que mantém a ordem nas relações na sociedade rondoniense ligada ao complexo cultural da colonização agrícola do estado. Ao recuperar contribuições de

diferentes autores acerca da abordagem etnográfica James Clifford é literal: “A etnografia é a interpretação de culturas” (1998, p. 38). E trata-se de uma atividade plural, que não se coloca sob o controle de qualquer indivíduo. Trata-se de ação dialógica, em que a sensibilidade aguçada deve ser acionada para alcançar o *ethos* subjacente a uma cultura. A busca é pela compreensão de aspectos imponderáveis da vida real. Por um lado há os paradigmas da experiência e interpretação, que devem ser articulados com outro momento, o discursivo de diálogo e polifonia.

É assim que fatos, textos – estes tomados para além dos aspectos lingüísticos –, e eventos precisam ter interpretações construídas. A apreensão não se dá de forma direta, mas inferida a partir das partes, separadas conceitual e perceptualmente do fluxo da experiência. Das partes constrói-se o discurso, a partir das experiências tornadas narrativas, que deve voltar a ser texto, mas agora para apresentar a apreensão (CLIFFORD:1998).

### **As festas agropecuárias**

O evento em que nos concentramos, a cavalgada, tem lugar em Vilhena, no sul de Rondônia, e acontece no mês de junho ou julho de cada ano, e a cavalgada deve ser compreendida como parte da Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Vilhena, a Expovil, esta a atividade festiva

anual mais significativa na cidade. A exposição, por sua vez, precisa ser colocada no contexto maior de um circuito de feiras agropecuárias que acontece anualmente em Rondônia a partir do mês de junho e tem duração de até cinco meses. As feiras agropecuárias em Rondônia começaram a ser organizadas a partir da primeira metade da década de 1980 e rapidamente se multiplicaram. Atualmente é possível identificar pelo menos duas dezenas delas ocorrendo nos maiores dos 52 municípios do estado.

Características comuns a todas as feiras é a realização de atividades como a escolha da rainha da festa agropecuária, da cavalgada de abertura e, finalmente, da feira propriamente dita, nesta ordem. Cada um desses momentos do evento recebe atenção localizada e tem organização independente, mesmo compondo um todo ligado à feira agropecuária. A escolha da rainha precede um baile, é um evento fechado – para o qual são vendidos ingressos – em que candidatas da própria cidade desfilam e se submetem a julgamento de um júri, composto por figuras eminentes da comunidade, para que possam ser escolhidas rainha e princesas da festa<sup>2</sup>.

A cavalgada acontece imediatamente antes da abertura, normalmente durante a tarde do dia em que acontece a cerimônia de

---

<sup>2</sup> Nas festas agropecuárias a rainha e as princesas são consideradas embaixatrizes, e estão presentes nos principais momentos do evento, desde antes da abertura, na promoção, até o encerramento. (n.a.)

inauguração da exposição, e cavalos, veículos e grupos formados por moradores das cidades percorrem algumas das principais ruas da cidade até o local em que acontecerá a feira agropecuária. É significativo apontar que em 2011 a cavalgada da Expovil foi, pela primeira vez, realizada uma semana antes da abertura da feira agropecuária, o que passa a caracterizar o desfile de abertura como um evento, se não desligado da exposição, ao menos de maior corpo no calendário do evento.

As feiras propriamente ditas são eventos também fechados (são cobrados ingressos para entrar no recinto da festa), multissetoriais, com duração entre quatro e nove dias, em que são expostos e vendidos insumos e máquinas agrícolas; comerciantes locais e de outras regiões vendem os mais diferentes produtos; são instalados restaurantes e boates temporários; concessionárias comercializam veículos; parques de diversões são postos em funcionamento.

As feiras agropecuárias recebem subvenções do governo estadual, das prefeituras, que oferecem isenções para o evento e participantes, além de destinarem recursos financeiros. Empresas privadas também investem no evento por identificarem neles oportunidades de negócios, assim como bancos privados e públicos, que fomentam negócios com linhas de crédito específicas para as feiras.

Como principais atrações há rodeios e shows de artistas, quase na totalidade sertanejos de renome nacional. Neste último caso as diferentes cidades parecem manter rivalidade para receberem as apresentações de artistas de maior visibilidade. Também são realizados sorteios de camionetes, carros populares, motos e prêmios em dinheiro para os visitantes, o que se converte na principal atração para a população. Seja pelos sorteios ou pela opção de lazer, na maior parte das cidades onde acontecem estes eventos, a frequência diária se aproxima do equivalente a um quarto da população<sup>3</sup>.

Durante os quatro meses em que acontecem, as feiras agropecuárias atraem a atenção e reforçam os símbolos do rural em Rondônia. É uma feira, mas principalmente uma marcação material do simbolismo que legitima uma preferência para a identificação do que é ser rondoniense.

### **A cavalgada**

As cavalgadas são um evento comum no interior do Brasil, que parecem remontar às manifestações medievais europeias, ligadas à nobreza e à religiosidade. No são disseminadas principalmente em regiões com forte ligação como meio rural, e acontecem especialmente em ocasiões festivas, sendo disseminadas desde o sul do país até o Norte

---

<sup>3</sup> Vilhena é a cidade mais ao sul de Rondônia e tem cerca de 77 mil habitantes (CENSO..., 2011). Na Expovil 2011 os organizadores houve noites, durante os nove dias do evento, em que o público se aproximou de 20 mil pessoas no parque de exposições (QUASE 20 MIL..., 2011).

e Nordeste. No entanto, mesmo tal presença, ainda não recebeu – a nosso ver – a devida atenção por parte da pesquisa acadêmica, de maneira a buscar sua penetração social e mesmo os processos que a introduziram no cotidiano e no imaginário social brasileiro, principalmente no interior do país<sup>4</sup>.

Na Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Vilhena, a Expovil, a cavalgada acontece desde a primeira edição do evento, em 1984. No princípio, apenas cavaleiros participavam, mas gradativamente foram introduzidos outros elementos e a adesão à cavalgada cresceu. Na maior parte das feiras agropecuárias a cavalgada acontece no dia da abertura do evento, e isso também ocorria com a Expovil até 2010. Em 2011, destacando o caráter de evento secundário constitutivo da feira agropecuária, a cavalgada foi realizada uma semana antes da abertura da feira.

Nossa atenção aqui se volta para as cavalgadas tomadas como índice para a apreensão do envolvimento das populações. Para isso podem ser destacados pelo menos dois aspectos: a cavalgada, diferente da escolha da rainha da festa ou da feira propriamente dita, é um evento aberto e os participantes aderem a ele como forma de socialização e identificação; a cavalgada não

---

<sup>4</sup> A bibliografia sobre o tema é extremamente rara e de difícil acesso. O que há é a atenção voltada para eventos particulares, no interior de estados como Goiás, São Paulo e Minas Gerais, mas ainda assim sem a caracterização da cavalgada como manifestação ampla e recorrente em diversas regiões brasileiras. (n.a.)

acontece em recinto específico, mas ocupa o espaço público, as ruas da cidade, no que pode ser considerada a tomada de um espaço coletivo, por representações particulares, às quais aderem os seus participantes.

### **Dos cavaleiros às máquinas agrícolas, a ordem da cavalgada**

A cavalgada se apresenta como evento aberto à população, mas é organizada por uma associação de caráter privado, a Associação Vilhenense de Agropecuaristas, Aviagro, que aponta regras para a adesão e participação ao evento, assim como o trajeto a ser percorrido, horários e a disposição dos diversos grupos que a compõem<sup>5</sup>. O evento que acompanhamos aconteceu na manhã do dia 25 de junho de 2011, um sábado e reuniu cerca de 10 mil pessoas<sup>6</sup>, que estavam em cavalos, carroças, bicicletas, motocicletas, caminhonetas, carros, caminhões, carretas e máquinas agrícolas, ou mesmo a pé, e divididas em grupos entre as quais se destacam as comitivas e blocos.

A concentração começou com o início do dia, numa das extremidades da avenida Major Amarante, a principal de Vilhena. É nesta avenida que está o centro comercial da cidade, e ao longo dela milhares de pessoas,

---

<sup>5</sup> Em 2011 a Aviagro, promotora da Expovil, assinou termo de ajustamento de conduta com a promotoria pública do estado, para que menores de idade não participassem desacompanhados da cavalgada, e para que regras de segurança nos veículos e nas vias públicas fossem observadas (COM RIGOROSA..., 2011).

<sup>6</sup> Dados divulgados pelo Corpo de Bombeiros (CAVALGADA REÚNE..., 2011).

desde o início da manhã, se preparam para assistir ao desfile. Peões de fazenda e os mais diferentes cavaleiros, carros e caminhões de comitivas e máquinas agrícolas se reúnem a partir da praça Padre Ângelo Spadari, em frente a igreja matriz, ponto de início do desfile. Pouco antes das 10 horas é anunciado o início da cavalgada no trio elétrico que segue à frente.

Os diretores da Aviagro, agropecuaristas, agricultores, diretores de entidades empresariais e políticos, todos montados em cavalos, abrem a cavalgada. Antes deles estão cavaleiros que levam as bandeiras nacional, do estado, do município e da Aviagro. Esta disposição já no início pode ser tomada como uma marcação de pertencimento. Partindo dessa premissa é lógico inferir que aqueles que participam da cavalgada estão, ao mesmo tempo, participando de uma comemoração assumida pelas instituições estatais ali representadas e àquelas da associação de agropecuaristas.

Logo após, em um grande bloco, concentram-se cavaleiros das mais diferentes origens, mas com maioria de peões de fazendas que se deslocam à cidade e paramentam-se para a cavalgada. É esta fração que justifica o nome cavalgada dado ao evento, e que pretende manter a característica principal, a ligação com as práticas rurais. Entre os cavaleiros há um boi treinado para montaria e crianças também montadas e vestidas como peões. A atenção

das pessoas nas calçadas se volta para o centro de um círculo feito por cinco cavaleiros: ali está um menino – que depois descobrimos ter três anos de idade – também vestido como peão de fazenda, montando um pequeno cavalo.

No outro extremo da longa fila que se forma pelas ruas, já fechando o desfile, são dispostas máquinas agrícolas: colheitadeiras, plantadeiras, pulverizadoras, tratores, e uma série de equipamentos ligados à agricultura. As máquinas estão todas devidamente preparadas para o desfile: limpas, algumas (poucas) com adereços, outras (a maioria) com faixas que identificam os proprietários e as fazendas a que pertencem. São, quase na totalidade, equipamentos modernos, e os condutores acenam para a multidão, que quase sempre aplaude.

Esta disposição parece ligar os dois extremos, abrindo e fechando a cavalgada, com elementos diretamente ligados ao meio rural. É entre eles que é colocado o que consideramos a massa da cavalgada, a diversidade de pequenos grupos – a maior parte nas carrocerias de camionetes – que se envolvem com o desfile usando marcadores também ligados às práticas do agronegócio. Ainda é relevante apontar que, após as máquinas agrícolas há ainda uma série de veículos, conduzidos por pessoas que não fazem mais parte da cavalgada propriamente dita, mas a ela se juntam voluntariamente e sem planejamento.

### **Comitivas e blocos: o urbano celebra o rural**

Entre os extremos da cavalgada estão as comitivas e os blocos, grupos organizados exclusivamente para o evento e constituídos principalmente por pessoas da cidade, que pouca ou nenhuma relação direta têm com o meio rural. A imensa maioria é de jovens, e pode-se identificar adolescentes entre eles. As comitivas são grupos constituídos por cavaleiros ou mesmo por pessoas em carroças, pequenas máquinas agrícolas, principalmente tratores, ou mesmo em carrocerias de caminhões contratados especificamente para a cavalgada. Já os blocos são organizados por empresas especializadas, que vendem abadás e colocam à disposição dos componentes toda uma estrutura para que possam acompanhar o desfile como parte do evento.

Na cavalgada que acompanhamos foi possível identificar 12 comitivas, compostas por grupos que variavam entre 15 e 50 pessoas. Identificadas por nomes como Estradão, Lagoa da Prata e Família Buscapé, as comitivas evocavam sem exceção a vida no campo e fazendas de criação de gado, e são organizadas por grupos de amigos, na maior parte das vezes. Os membros das comitivas normalmente usavam camisetas que os coloca como membros dos grupos, e adereços como chapéus e berrantes.

Os membros das comitivas se concentram sobre as carrocerias dos

caminhões, ou em torno de carroças ou carros menores, de onde podem receber bebidas, na maior parte alcoólica – com destaque para o consumo de cerveja. As manifestações de alegria e a tentativa de realização de performances para as pessoas que a tudo assistem das calçadas é constante. É possível observar que há empatia entre os que assistem e os membros das comitivas. Várias das comitivas são organizadas por empresas, principalmente aquelas que comercializam implementos agrícolas, e as comitivas levam os seus nomes. Entidades das mais diferentes, como o Centro de Tradições Gaúchas, o CTG, e cooperativas de proprietários rurais e bancos de crédito cooperativo, também se apresentam ligadas a comitivas, seja dando-lhes o nome ou como apoiadores.

Já os blocos são grupos com maior quantidade de participantes, entre 200 e 800 pessoas. Nestes grupos, diferente do que acontece nas comitivas, não há a busca por elementos que os identifique com o meio rural, e a tônica parece ser a de festa. Isso pode ser visto pela indumentária e pelos nomes, por exemplo. Os integrantes dos blocos vestem abadás, ao invés de roupas identificadas com o meio rural, e em 2011 estavam na cavalgada o Pipinelas e TchaKnelas.

Os blocos são organizados por empresas de eventos da própria cidade, que vendem os abadás, contratam trio-elétrico, e

atraem milhares de participantes oferecendo bebidas e estrutura de banheiros e primeiros socorros – todos móveis. Ao passarem pelo percurso da cavalgada, os blocos parecem funcionar como um evento a parte, tomando a rua, extrapolando os seus limites, com os participantes se confundindo com quem está nas calçadas. Os blocos provocam uma reação diferente daquela das comitivas. É possível ver os pais se aproximando dos filhos menores, e praticamente não há interação entre os participantes dos blocos e os expectadores.

Mas, mesmo nas diferenças, é possível identificar uma semelhança marcante entre comitivas e blocos. Tanto num modelo de grupo de participantes da cavalgada como em outro, predomina a presença de pessoas do meio urbano, que se apropriam de um evento que comemora o rural. Nas comitivas a apropriação é aparente, uma vez que símbolos são utilizados. Já nos blocos a apropriação é enviesada. A apresentação desses grupos não remete diretamente ao rural, mas eles estão inseridos na cavalgada, são parte dela.

Aqui cabe destacar um aspecto relevante sobre os blocos. Trata-se de grupos organizados no modelo observado em blocos de carnaval fora de época – tipo de evento que chegou a ser promovido em Vilhena, mas deixou de acontecer em função da escassez de participantes – e são conseqüência comercial da festa. Mesmo as

músicas executadas no trio-elétrico são do estilo axé, principalmente – ao contrário das comitivas, que também levam música, mas sertaneja. Assim como em Vilhena em todo o interior de Rondônia o carnaval é pouco festejado, e a cavalgada e a exposição agropecuária assumem o posto de maior evento festivo anual. O modelo representado pelos blocos somente tem sentido, em Vilhena, para a cavalgada da feira agropecuária.

### **A cidade ocupada**

A cavalgada tem seu ponto alto ao longo da avenida Major Amarante, num percurso de aproximadamente quatro quilômetros. Depois de começar em frente à praça Padre Ângelo Spadari, segue por pouco mais de dois quilômetros até a praça Nossa Senhora Aparecida, onde é instalado um palanque. É ali que os rojões que vinham sendo lançados desde o início são intensificados, e os organizadores – diretores da Associação Vilhenense de Agropecuaristas, Aviagro – e políticos falam aos participantes e às pessoas que se aglomeram. É também neste ponto que acontecem eventuais apresentações, seja de grupos de danças ou adestramento de animais.

Após este ponto a cavalgada segue até alcançar uma das avenidas marginais à BR-

364<sup>7</sup>. Neste ponto quase não há expectadores, mas ao atravessar a rodovia e alcançar a avenida Brigadeiro Eduardo Gomes, que dá acesso ao parque de exposições, ponto final da cavalgada, nova concentração de pessoas na calçada, por outros quatro quilômetros. Neste ponto a organização observada na primeira parte praticamente se desfaz. Não há limites entre os grupos que compõem o desfile, e a cavalgada torna-se um grande grupo de pessoas que toma não apenas a extensão da avenida, mas vai além dos seus limites.

A comemoração segue e agora há pressa pra chegar ao parque de exposições. Algumas pessoas correm, outras sentam-se no meio-fio, quase todas bebem cerveja, muitas levam mochilas térmicas com bebidas. O clima é de festa, e o espaço é o da rua. A sensação é de que a cidade está ocupada pela cavalgada, todos podem festejar, e todos os caminhos levam para o lugar onde a festa seguirá pela próxima semana. É lá, no parque de exposições, que é feita a recepção, por parte da Aviagro, às pessoas que participaram da cavalgada. A associação oferece um churrasco aberto a todos, com costelões distribuídos gratuitamente – no evento que acompanhamos foram 140.

A cidade não é ocupada apenas pela festa, mas pelo simbólico que remete ao

rural, e este, por sua vez, estritamente ligado aos colonizadores agrícolas das quatro décadas precedentes. A cidade que é recebida no parque de exposições é a que celebra o meio de vida do campo, que assume suas representações como próprias do ser vilhenense, do ser rondoniense. Transborda-se pelas ruas da cidade numa cavalgada que é recepcionada no parque de exposições como evento simbólico não da Amazônia tradicional, mas da Amazônia urbana ancorada nas práticas do rural que mais olha para as planícies do Centro-Oeste do que para as calhas dos grandes rios ao Norte.

É neste movimento que se deve centrar atenção: os simbolismos são construídos desde diferentes condições, mas notadamente pode-se apontar para a trajetória histórica e os contatos entre diferentes representações culturais como significativos. É a partir daí que os símbolos são assumidos pelos indivíduos, e ganham sentido na medida em que são sancionados pelo grupo a que se filiam. Há uma inegável dependência entre as ações individuais e aquelas chanceladas pelo grupo. Ao mesmo tempo em que há proximidade há tensão.

### **Da contradição às soldas no simbólico**

Ao menos dois contrastes podem ser apontados diante de um olhar atento para a cavalgada. O primeiro é entre a cavalgada e a imagem comumente formada sobre o espaço e as relações sociais na Amazônia; o outro se

<sup>7</sup> A BR-364 é a principal rodovia de Rondônia, fazendo a ligação ao Mato Grosso e Acre. É às suas margens eu estão as principais cidades, corta o estado de norte a sul. (n.a.)

relaciona com a predominância da população urbana de Rondônia, que assume os símbolos do rural como seus. No primeiro caso a trajetória histórica de Rondônia apresenta a predominância dos grupos de agricultores imigrantes que ocuparam o estado a partir da década de 1960, e se tornaram predominantes economicamente e culturalmente as populações tradicionais. Daí, para a tomada de suas representações como representativas do ser rondoniano houve rápida passagem.

No segundo caso, é possível inferir que a contradição é a maneira de diferenciação social das populações imigrantes frente à população tradicional. Trata-se mesmo de uma tentativa de valorização das práticas e símbolos diferentes daqueles assumidos por seringueiros e ribeirinhos, por exemplo. Essa valorização tem sua expressão no campo simbólico, mas está ancorada nas práticas cotidianas.

A existência de “[...] uma utilização imediata do simbólico, onde o sujeito pode se deixar dominar por este, [e, também, a existência de] uma utilização lúcida, ou refletida” (CASTORIADIS 2000:153), faz com que os simbolismos sejam domináveis, a não ser em instâncias em que algo não é simbólico. Os simbolismos na cavalgada são penetrados pela base econômica na atividade rural, o que isso leva à valorização dos símbolos imigrados para Rondônia junto com o colono desde os anos 1960. Ao mesmo tempo em que há uma afetividade na

legitimação desses símbolos, há também lucidez, por celebrar as bases econômicas reais.

Em última instância, aquilo que se apresenta como determinação e especificação não é simbólico, mas automização perpetrada pelas instituições. “A instituição é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário” (CASTORIADIS 2000:159). A exposição agropecuária se converte em instituição legitimada pelo conjunto da população, desde o núcleo a partir do qual se fazem as soldas na rede simbólica. A instituição simbólica socialmente sancionada é infinitamente maior que as representações individuais, e ao mesmo tempo está presente na efetivação das representações.

Os indivíduos podem produzir imagens privadas, não institucionalizadas, a partir do imaginário social, sem que este se reduza àquele, mas sempre de maneira que o particular seja sancionado pelas formas socialmente legitimadas. São as decisões individuais que levam à adesão à cavalgada, mas para que esta adesão ocorra, é preciso que o evento seja reconhecido como legítimo pelo conjunto da sociedade. É aí que as contradições desaparecem, e coerência e legitimidade surgem.

Trata-se de uma população formada em práticas cotidianas particulares, que se vê

representada nos símbolos trazidos do meio rural, mesmo que tenha vivência urbana. É um meio social que legitima o simbólico dos colonos imigrantes, mas que agora ocupam o espaço urbano.

É a diferença com relação ao restante da Amazônia, e da sua imagem estereotipada, que é celebrada na cavalgada. Celebra-se a colonização agrícola e os seus símbolos, mas não pelas práticas efetivamente apropriadas, mas como um mito fundador, perpetuado na idéia de prosperidade que vem do campo.

## Referências

BECKER, Bertha K. 1991. **Amazônia**. São Paulo: Ática.

CASTORIADIS, Cornelius. 2000. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CAVALGADA REÚNE mais de 10 mil pessoas e anima vilhenenses. **Vilhena Notícias**. Disponível em [http://www.vilhenanoticias.com.br/materias/news\\_popup.php?id=5977](http://www.vilhenanoticias.com.br/materias/news_popup.php?id=5977). Acesso em 18/07/2011.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: resultados gerais da amostra. Vilhena – Rondônia. **IBGE**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ro>> Acesso em 20/07/2011.

CLIFFORD, James. 1998. **A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ.

COLFERAI, Sandro. 2009. **Jornalismo e identidade na Amazônia: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia**. Dissertação. Porto Alegre, RS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DOUGLAS, Mary. 1998. **Como as instituições pensam**. São Paulo: EDUSP.

COM RIGOROSA fiscalização, cavalgada da Expovil será neste sábado. **Extra de Rondônia**. Disponível em <http://www.extraderondonia.com.br/modules/geral8/item.php?itemid=1407>> Acesso em 18/07/2011

OLIVEIRA, Ovídio Amélio. 2007. **Desenvolvimento e colonização do estado de Rondônia**. 6ª ed. Porto Velho: Dinâmica.

PINTO, Emanuel Pontes. 1993. **Rondônia, evolução histórica – A criação do território do Guaporé, fator de integração nacional**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

QUASE 20 MIL pessoas assistem ao show de Zé Henrique & Gabriel. **Extra de Rondônia**. Disponível em <http://www.extraderondonia.com.br/modules/variedades/item.php?itemid=799>> Acesso em 18/07/2011.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. 1967. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar.